



Ontologias críticas do presente como estratégias na produção do conhecimento

Critical Ontologies of the Present as Strategies in Knowledge Production

Ontologías críticas del presente como estrategias de producción de conocimiento

Reiterando o nosso compromisso ético e político de desnaturalização das práticas atuantes na fabricação do presente em que vivemos, os artigos publicados nesta edição da Revista Polis e Psique problematizam diferentes formas de ação política e produção do conhecimento na cena contemporânea. Colocando em relevo o elo entre política, conhecimento e subjetividade, os artigos reunidos nesta edição apresentam estratégias para uma ontologia crítica das práticas que constituem a psicologia enquanto ciência e profissão no contemporâneo (Foucault, 2010).

Tensionando as pretensões universalistas do projeto moderno e colonial das ciências positivistas, ao qual a psicologia esteve vinculada desde a sua emergência, as perspectivas aqui apresentadas compartilham um esforço do pensamento para produzir análises localizadas e focadas em processos micropolíticos. Neste número, essas problematizações se dão tanto a partir de reflexões conceituais e metodológicas sobre as relações entre saber e poder na produção de subjetividade, passando pela ação política do corpo em nossa sociedade, quanto pelas políticas públicas de saúde que têm constituído um tópico crucial no fazer da psicologia brasileira.

É nesse sentido, portanto, que os textos selecionados para abrir essa edição foram, justamente, aqueles que se voltam para o próprio eixo operativo-metodológico, no intuito de elucidar algumas ferramentas de pesquisa que se apresentam como potentes para tratar determinados temas que permeiam nossa contemporaneidade. A exemplos dos artigos “*Dispositivo e Subjetividade*”, cuja autoria é de Gabriel de Freitas Gimenes, que busca compreender como Michel Foucault utilizou inicialmente a noção de *dispositivo*, a partir das contribuições de Gilles Deleuze, o autor argumenta que é possível situar o dispositivo como um termo estratégico dentro do pensamento foucaultiano, decisivo na articulação entre saber, poder e subjetividade. E do artigo escrito por Flávia Cristina Silveira Lemos, Arthur Elias Silva Santos, Leandro Passarinho Reis Júnior e Atualpa Maciel Sampaio, intitulado “*Cartografia e Arqueogenealogia: Operadores Metodológicos em Estudos de Recepção e Usos Históricos no Campo Psi*” que busca pensar a utilização da Cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari

e a Arqueogenealogia de Michel Foucault como abordagens metodológicas para a elaboração de estudos em determinados territórios e campos de saber. Para tanto, o artigo analisa os operadores conceituais dos estudos de arquivos, da recepção e dos usos das práticas na História Cultural; do rizoma, multiplicidade, acontecimento e singularidade na Cartografia e das análises de saber-poder na Arqueogenealogia.

Em seguida, compondo o segundo eixo temático desta edição, coloca-se em relevo os artigos que já, minimamente, inscritos neste referencial, buscam se ocupar de alguns dos matizes que dão contorno à nossa sociedade. É o caso do artigo intitulado “*O traumático e as disputas pela memória na cena pública brasileira: Marielle Franco e Borba Gato*” de autoria de Giovanna Botini Zortea, Lucas de Oliveira Alves, Paula Campos Andrade e Marcela de Andrade Gomes, que se propõe a refletir sobre as disputas pela memória e as possibilidades de elaboração de traumas coloniais, analisando os simbolismos de duas experiências ocorridas na cena pública brasileira: a quebra da placa em homenagem à memória de Marielle Franco e a queima da estátua em homenagem à Borba Gato. Nessa perspectiva, o atentado à placa de Marielle foi uma tentativa de apagar sua memória, bem como dos diversos grupos oprimidos (mulheres, pessoas LGBTQIA+, pessoas negras) simbolizados por ela, mantendo, assim, as repetições mórbidas oriundas dos traumas coloniais. Já o atentado à estátua de Borba, simbolismo da expansão bandeirante no país, tensiona uma história oficial que oblitera as violentas ações perpetradas pelo Estado e segmentos da sociedade civil.

Posteriormente, temos o artigo de Alexsandra Maria Sousa Silva e Verônica Moraes Ximenes, denominado de “*Implicações psicossociais da migração rural-urbana para jovens universitários*”. Nele, discute-se como os processos migratórios podem produzir efeitos psicossociais, de diferentes ordens, dimensões e especificidades, quando se trata da relação entre rural e urbano. O objetivo é identificar relações entre os modos de vida dos jovens universitários e a migração rural-urbana na realidade brasileira. Os resultados apontaram que o modo de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana está atravessado por inúmeros desafios, dentre os quais a pobreza. O artigo reporta, ainda, dilemas provenientes da migração para os universitários viajantes, que refletem na mudança do modo de socialização, no distanciamento dos vínculos familiares e nas diferenças culturais.

E para fechar esse bloco, apresentamos o artigo “*Relações entre Psicologia e Pobreza: propostas de atuação decolonial*” de Vilkiane Natércia Malherme Barbosa, Rochelly Rodrigues Holanda, Antonio Ailton de Sousa Lima, James Ferreira Moura Júnior, Daniele Jesus

Negreiros, Deborah Christina Antunes e Nathalia Medeiros Mesquita, que analisa a atuação com as comunidades em situação de pobreza como estratégia de decolonização da Psicologia brasileira. As autoras e os autores apontam a importância de resgatar a memória histórica, de potencializar as resistências coletivas interseccionais e enfrentar as desigualdades coloniais como estratégias para transformar de forma decolonial o fazer da Psicologia. Nesse sentido, o profissional precisa questionar seus marcadores de privilégio e de opressão baseados em raça, classe, gênero e território. Sua atuação se torna mais eficaz ao utilizar metodologias participativas, potencializando as estratégias de resistência histórica das populações negras e indígenas, ao tomar comunidades em situação de pobreza como campo de ação.

A questão do corpo e sua *performatividade* também é um tema abordado nesta edição, sobretudo por ser um campo “de forças múltiplas, convergentes e contraditórias, e o próprio lugar da sedimentação de seus combates” (Silveira & Furlan, 2003, p. 174). Ou seja, a superfície privilegiada de registro da história, lugar constitutivo de suas marcas e vestígios (Butler, 2019). Gilead Marchezi Tavares, Alice Duda Sampaio e Aressa Manucia Miranda Alves trabalham tais aspectos, em seu artigo intitulado “*Corpo e processos formativos em tempos de pandemia*”, partindo da análise do corpo e do movimento nas artes performativas para pensar um ethos de aprendizagem inventiva. Nele, as limitações impostas pela pandemia da COVID-19 compuseram o debate, tornando a investigação uma análise de experiência, na medida em que as pesquisadoras envolveram seu corpo e seu conhecimento, focalizando seu próprio processo formativo em meio ao isolamento social e ao uso das mídias digitais. Utilizou-se a pesquisa-intervenção para acompanhar os processos de transformação aos quais as pesquisadoras estavam sujeitas na medida em que investigavam. Indica-se novos modos de aprender, lançando mão do dispositivo grupal num ethos de aprendizagem inventiva.

Ainda sobre a questão do corpo, apresentamos o artigo intitulado “*A produção do corpo desejante na axiomática do capital: uma leitura esquizoanalítica da era farmacopornográfica*” de autoria de Bruno Latini Pfeil e Thiago Colmenero Cunha. No texto os autores buscam compreender a produção artificial do corpo e seus movimentos em meio à sexopolítica e à máquina capitalista integrada. Com efeito, a argumentação nos leva a concluir que a construção tecnobiomolecular do corpo não é dissociada dos resquícios políticos e tecnológicos do pós-guerra, tampouco das sínteses conectivas e disjuntivas que a permeiam.

Por fim, perfazendo a terceira e última categoria temática desta edição, temos alguns artigos que, a partir de uma postura ético-política engajada, se debruçam sobre a complexidade

do campo da saúde, procurando pensar como seus fenômenos específicos podem nos fornecer algumas pistas acerca do modo como o nosso presente vem constituindo-se. É nesses termos que Pablo Leonardo de Melo e Thelma Maria Grisi Veloso assinam o artigo intitulado “*O Sofrimento Psíquico em Relatos de Usuários de Saúde Mental*”, em que se busca analisar como essas pessoas produzem sentidos sobre o sofrimento psíquico em vídeos de domínio público. O autor e a autora apontam que nos relatos analisados, os usuários referenciaram o sofrimento psíquico recorrendo ao discurso da Psiquiatria e à utilização de medicamentos, no entanto, alguns se posicionaram contrariamente a esse saber.

Por sua vez, o artigo intitulado “*Transtornos Mentais Comuns entre Gays: Evidenciando Vulnerabilidades na Pandemia da Covid-19*”, de autoria de Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein e Jäder Ferreira Leite, investiga a incidência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre gays e no intragrupo que se autoidentificam como afeminados, durante o período pandêmico. No decorrer deste texto, os autores assinalam que há uma heterogeneidade nos modos de sofrimento mental entre homens gays durante a pandemia, uma vez que marcadores sociais como raça, renda, escolaridade, local de moradia e ser gay afeminado foram determinantes para o adoecimento mental. Como conclusão, temos que o confinamento social durante a pandemia ampliou as vulnerabilidades, seja pela intensificação do contato com a família de origem – tradicionalmente conservadora e heteronormativa – seja pelo afastamento dos espaços da cidade e dos laços comunitários e de acolhimento LGBTQ+.

Já no artigo “*Pistas para Pensar o Cuidado no Contexto Hospitalar*”, de autoria de Rayanne Suim Francisco, Manuela Calmon Pessanha Bermudes, Ester Marim Avancini e Alexandra Cleopatre Tsallis, realizam-se reflexões produzidas entre psicólogas, estudantes de psicologia e professoras e/ou trabalhadoras da saúde durante e após o desenvolvimento de uma experiência cartográfica de cuidado compartilhado, suscitada por rodas de conversa com cuidadoras/es de pacientes internados em um hospital geral no interior do estado do Espírito Santo. Diante do trabalho realizado com as rodas, as autoras pensam e repensam a sua atuação, colocando em análise as práticas da psicologia hospitalar, e como podem ser reinventadas diariamente, principalmente quando nos colocamos disponíveis para as modulações do campo e para os desvios das rotas planejadas. O caminho teórico-metodológico cartográfico, a partir de leituras esquizoanalíticas, possibilitou que colocassem em xeque o lugar engessado do especialista, além de fortalecer a possibilidade do trabalho com grupos em uma emergência hospitalar.

Em “*Cuidado em Saúde Mental com Gestantes Usuárias de Crack*”, Rayssa Madalena Feldmann e Moises Romanini apresentam uma pesquisa cujo objetivo foi compreender como vêm sendo produzidas as práticas de cuidado às gestantes usuárias de *crack* nos serviços de saúde de um município do interior do Rio Grande do Sul. A autora e o autor observaram que as concepções dos profissionais acerca da maternidade direcionam as práticas de cuidado em saúde, caracterizando-se como um cuidado no espectro da saúde materno-infantil, e não um cuidado direcionado à saúde da mulher. Conhecer as demandas de cuidado dessas mulheres é essencial para que possamos pensar em práticas de saúde pautadas pela clínica ampliada.

E por fim, Leonardo Cavalcante de Araújo Mello, Brisa Manuela dos Reis Vanazzi e Mércia Correia Lazzaretti nos apresentam o artigo intitulado “*Experiências de Pessoas em Situação de Rua com o Uso de Substâncias Psicoativas: Um Estudo no Contexto do Distrito Federal*” no qual o autor e as autoras acompanharam vivências de pessoas em situação de rua que usam/usaram substâncias psicoativas, a partir de um programa de reinserção social e geração de renda, no Distrito Federal. Como resultados, evidenciam as maneiras pelas quais as/os participantes se relacionam com substâncias psicoativas e como o projeto social investigado se configura como potencializador para a transformação de vidas. Ao final, concluem que a história de vida dos sujeitos está ligada à situação de rua e uso de substâncias psicoativas, destacando-se o potencial transformador de programas sociais, possibilitadores de desenvolvimento econômico e social, e que modelos baseados em abstinência se mostraram ineficazes como forma de tratamento.

Henrique Caetano Nardi – Editor Chefe

Neuza Maria de Fátima Guareschi – Editora Gerente

Giovana Barbieri Galeano – Editora Assistente

Adolfo Jesiel Siebra – Editor Assistente

Dan Pinheiro Montenegro – Editor Assistente

Referências

- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1.
- Foucault, M. (2010). *Do governo dos vivos. Curso no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Silveira, F. A. & Furlan, R. (2003). Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia. *Psicologia USP*, 14 (3), 171–194. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000300012>